

EDITORIAL

PHOÏNIX 2000: no Século XX e no II Milênio

Neyde Theml

Este número da revista PHOÏNIX é ainda do século XX e do II milênio do calendário cristão. Contamos o tempo por segundos, minutos, horas, dias, semanas, meses, anos e milênios. Puro cálculo matemático, cada vez mais apurado e sofisticado dos movimentos da terra, do sol e da lua. Como tal, determinar os séculos ou os milênios, é uma simples operação pela qual se contará quantos cem e quantos mil anos existem no número dois mil. Não há como errar, o número dois mil contém vinte números cem (século XX) e dois números mil (II milênio), como diz a voz popular, “redondinhos”.

Nem todas as sociedades contam ou contaram o tempo desta forma e nem mesmo conceberam o tempo como uma única série numérica crescente e infinita ou a ser interrompida, por um número mágico que provocará o “fim do mundo”. Ao contrário, muitas sociedades festejavam o início do ano, com preces, cantos e sacrifícios, para que ele seja exatamente igual e harmônico ao ano anterior.

Hoje, vivemos ou criamos vários tempos dimensionalmente sincrônicos, tanto em nível existencial quanto virtual. O ano 2000 é um destes referentes temporais. Por exemplo, no caso do Brasil ou dos “Brasis”, o tempo social do operário de uma fábrica no Piauí não é o mesmo do operário de São Paulo; o de um professor universitário do Rio de Janeiro não é o mesmo daquele da França ou mesmo da Grécia. Nem todos os historiadores da UFRJ experimentam, da mesma maneira, a mesma dimensão temporal da produção do conhecimento dos pesquisadores da Escola Francesa de Atenas (EFA). Na nossa opinião, a diferença é criativa quando se dialoga com o *outro*. Mas, nenhum professor em nenhuma universidade do mundo diria que não se pode pesquisar, por exemplo, História da Antigüidade de qualquer país, por não morar nele. Afinal, o avião, o fax, a internet deram uma velocidade tão grande no tempo das comunicações que ninguém ousaria pensar que se necessitaria do remo, do tambor e da

fumaça para receber ou transmitir mensagens; a não ser que quisesse vivenciar o tempo da diversão, o tempo lúdico da fantasia e da descontração.

Nenhum pesquisador consideraria uma afronta reprovável ou acintosa que um historiador da Antigüidade partisse de uma problemática do seu “micro tempo existencial”, para levantar uma questão social e conhecer, por exemplo, o lugar social do pescador em Atenas do século V a.C. E, que tenha, para isto, partido da observação empírica dos pescadores do Rio de Janeiro. Nenhum historiador iria imaginar que a pesquisa do pescador ateniense iria resolver os problemas daqueles do Rio de Janeiro. No século IV a.C., o próprio Aristóteles, quando tratou da *epistème*, aconselhava que se começasse do conhecido, do vivido, do que se pode ver (com os olhos) para então ter condições de criar conhecimento. E ainda mais, nenhum historiador iria afirmar que *Odisseus*, o de Homero (aquele mesmo), teve medo de navegar. Ele enfrentou perigos, saiu sempre vitorioso e retornou a Ítaca, terra dos seus ancestrais, como um novo homem, um excelente marinheiro, como todos os helenos da Antigüidade e, afinal de contas, *Odisseus* era um herói épico. E, mesmo Heródoto e Tucídides, que não eram poetas épicos, escreveram em prosa o que viram e o que ouviram dizer dos feitos e dos homens para que não se esvaecesse, com o tempo, a coragem e a honra dos atenienses. Portanto, eles escreveram para que fosse preservado, na memória das novas gerações, o agir dos homens na *pólis*. Além do mais, os dois eram inteligentes e astutos, não ousariam minimizar a coragem dos marinheiros (cidadãos), das suas vitórias, da *arché* da democracia e da sua frota.

Nenhum historiador, assim como um velho esquimó, que foi treinado para guardar na memória a tradição de seu povo durante a sua vida, não iria rir ou estranhar ironicamente de um ato sagrado de sacrifício animal. E mais, um ato sagrado é um ato simbólico, portanto não importa que o animal ainda esteja vivo ou já esteja morto. Mas o pior, disso tudo, é “achar” que sabe que o animal está morto e por isso tenha o direito de rir. Isto que “contamos”, não é “era uma vez...”. Tratava-se de uma imagem desenhada num vaso ático, de figuras negras datado de 520 a.C. (*olpé* — Museu de Berlim, F.1915-) que representava um peixe (atum) sobre uma *trápeza*. Esta aparece alegoricamente como um altar (*bomós*), com um homem de perfil segurando uma *máchaira* e um outro auxiliando-o. Dois cães aparecem um de cada lado e um outro vaso por terra ali estava para receber o sangue do sacrifício. Este vaso ático é descrito no *Corpus Vasorum*, por arqueólogos e por vários historiadores da Antigüidade como sendo temática de sacrifício. Este tempo do riso que produz piedosas lágrimas nos parece que é resultado da forma de pensar, de alguns brasilei-

ros, que acreditam piamente que o “primeiro homem foi Adão e o segundo Cabral”. Este tempo produz uma forma de viver diferente, aquela, da memória curta, que muitas vezes, não permite ao homem de se lembrar o caminho de volta para sua casa.

Uma outra dimensão do tempo é o daquele que vive de acordo com as definições ou as leis, mas segundo os seus interesses pessoais. Por exemplo, revista científica significa: “publicação periódica em forma de brochura mais ou menos extensa, com escritos dedicados a um tema especializado resultado de pesquisas”. A definição, acima apresentada, propõe uma regra geral, justamente para atender as especificidades de cada área do conhecimento. Mas, a dinâmica dos fatos sociais, no Brasil, produz várias leituras. Prevaecem somente aquelas que estejam de acordo com o interesse de um indivíduo ou de um grupo numa determinada dimensão do tempo do “poder”. Sendo assim, “periódico”, segundo estes interesses, quer dizer publicação semanal, mensal, bimestral, anual ou qualquer outra coisa contanto que se marginalize o outro, o concorrente. Ninguém considera que, na definição de revista científica, devem estar presentes outros elementos: as peculiaridades das áreas do saber, o número de pesquisadores daquela área, as verbas disponíveis dedicadas àquelas áreas para a pesquisa e a publicação de material original resultante da pesquisa.

Um outro tempo interessante de se observar, entre alguns pesquisadores, é o do “modismo” das “teorias e metodologias”. Todos têm que viver num balanço, ora Bourdieu, ora Chartier, ora Certeau, ora Foucault, ora Ginzburg ou ainda Gombrich. Sendo que, com este último, em alguns dos livros indicados, nem mais o próprio autor continua pensando da mesma maneira, basta ler o seu livro intitulado *The uses of Images*. London: Phaidon Presse, 1999. Todo este vai-e-vém da “absoluta” primazia das “teorias e metodologias” não leva em conta o tipo da pesquisa, o objeto, a documentação ou o “tempo e espaço”. Não existe possibilidade de escolhas, ou se usa aquele que está sendo ditado em “boca pequena”, mas que se considera como sábia e de alcance “universal”, ou a sua pesquisa é imediatamente disforizada e, logo, você recebe um rótulo: positivista, neopositivista, neomarxista, neo-estruturalista ou outros “istas”. Se o historiador da Antigüidade ousar citar, por exemplo: Claude Calame, Claude Berard, Alain Schnapp, Françoise Frontisi-Ducroux, Jean-Claude Gardin e François Lissarrague (isto só para ficar com os franceses), logo, aquelas vozes, como num coro, replicam com toda a convicção: “*estes não são teóricos ou metodólogos, portanto, não servem*”.

Bem, este é o nosso último ano do século XX e nós historiadores e pesquisadores de História Antiga convivemos com todos estes micro-tempos de alguns dos historiadores de História do Brasil. Tem sido, para nós, ao mesmo tempo instigante e lúdico. Não perdemos a disposição e nem a esperança. Mas, acreditamos que o Brasil ainda irá precisar de mais quinhentos anos para que consiga viver com a diversidade e com a oposição. Vamos aceitar de vez a nossa mestiçagem criativa e o nosso modo de ser “*de mulato livre, trigueiro e inzoneiro de olhar indiscreto que abre a cortina do passado e deixa de novo cantar o trovador as noites claras da luz do luar*”.¹ Deixemos um pouco de lado, o brilho masculino do sol. Vamos reconhecer as nossas diferenças, mas com respeito efetivo ao profissional e ao cidadão. Se no mito, Cronos e Zeus acabaram por encontrar um meio de se entenderem, por que, na sociedade brasileira, estes nossos tempos culturais, associados à justiça no sentido de *dikaíosýne*, não irão conseguir despertar este gigante adormecido há quinhentos anos e nos garantir o exercício ativo de cidadãos?

Neste último ano do século XX, que começou anunciando muita desmedida, nós podemos, para terminar e “de leve”,² comunicar, aos que ainda não sabem, que “quem gosta de igreja” não somos nós, historiadores da Antigüidade; nosso interesse é pelo politeísmo, ou se quiserem paganismo, no qual os rituais, danças, cantos, preces e sacrifícios são públicos diante do grande olho, o sol, ou do céu estrelado, nos braços da grande mãe — a Terra — e na presença de quem quiser assistir ou participar.

COMUNICADOS:

1) Gostaríamos esclarecer que o artigo do Prof. Dr. Jean-Claude Gardin no volume 5 da PHOÏNIX saiu com alguns erros na digitação do francês. O Prof. Dr. Jean-Claude Gardin nos enviou o artigo datilografado, que foi posteriormente digitado aqui. Enviamos para o autor para que fizesse as correções e nós mesmos corrigimos o disquete reserva que possuíamos e entregamos à editora Sette Letras para que efetuasse a troca dos disquetes. Mas, infelizmente, a editora não percebeu o valor deste fato e nos deixou em falta com o Prof. Dr. Jean-Claude Gardin. Apresentamos publicamente as nossas desculpas pelos erros de ortografia da língua francesa no seu artigo, resultantes de falha técnica-humana. O Prof. Dr. Jean-Claude Gardin sempre foi nosso grande amigo, orientador e não podemos deixar de louvar toda a sua capacidade de trabalho e criatividade em relação às pesquisas em Arqueologia da Antigüidade.

2) É com muito prazer que divulgamos que o Prof. Titular de História Antiga da UFF (RJ), Dr. Ciro Flamarion S. Cardoso foi premiado pela ACADEMIE DES SCIENCES D'OUTRE-MER (Paris-França). Em 15 de março de 1999, a Comissão de Prêmios desta Academia conferiu ao Prof. Dr. Ciro Flamarion S. Cardoso o prêmio DE LA VIGNETTE pelo seu livro *La Guyane Française, aspects économiques et sociaux*, publicado em 1999, pela Guiana Francesa. O prêmio foi entregue no dia 18 de fevereiro de 2000, em sessão solene da Académie des Sciences d'Outre Mer. Este livro reproduz a tese de doutorado do Prof. Dr. Ciro Flamarion S. Cardoso, defendida em Paris em 1971 e, por continuar sendo um marco da historiografia da Guiana Francesa, foi publicada em 1999 e no mesmo ano premiada em Paris. A obra foi considerada pela Comissão de Prêmios da Academia como a pesquisa mais inovadora e completa sobre a Guiana Francesa. Ela inovou os conhecimentos sobre a escravidão daquela então colônia francesa, e, ainda mais, o professor construiu o “modelo de modo de produção escravista colonial”, que alcançou ampla divulgação e aceitação no meio acadêmico mundial. O LHIA parabeniza o Prof. Titular Dr. Ciro Flamarion S. Cardoso pelo prêmio, justamente merecido, e se orgulha deste pesquisador ter se voltado, há alguns anos, para as pesquisas de História Antiga. E mais, de nos acompanhar de perto e nos orientar com a sua brilhante inteligência, sua disciplina no trabalho de pesquisa e de sua aguçada capacidade crítica-constructiva.

3) O Laboratório de História Antiga acaba de lançar a primeira revista eletrônica especializada em estudos sobre a Antiguidade no Brasil: www.heladeweb.com. A revista foi idealizada para difundir as pesquisas acadêmicas de especialistas em História, Arqueologia, Antropologia, Filosofia e Filologia e ampliar o diálogo criando um espaço que congregue pesquisadores brasileiros e estrangeiros. A HÉLADE disponibiliza gratuitamente artigos em português, inglês, francês, espanhol e italiano produzidos por pesquisadores de diversas instituições brasileiras e internacionais. Para maiores informações, acesse o *site* acima ou contate através do e-mail helade@heladeweb.com.

4) O Laboratório de História Antiga também lançou a revista impressa GAIA, destinada aos alunos de graduação com pesquisa em História Antiga. Esta publicação já se encontra no seu segundo número. Objetiva-se abrir espaço para a divulgação dos primeiros passos das pesquisas em História Antiga e promover debates e críticas aos trabalhos publicados. Para maiores informações, entre em contato através do e-mail adriene@openlink.com.br ou do endereço do Laboratório de História Antiga.

5) O Núcleo de Estudos da Antigüidade (NEA) da UERJ, o Centro de Estudos Interdisciplinares da Antigüidade (CEIA) da UFF e o Laboratório de História Antiga (LHIA) da UFRJ publicam o JORNAL PHÍLIA, informativo dos alunos de graduação destes três centros de estudos sobre Antigüidade no Rio de Janeiro. O periódico completou um ano de existência e sua distribuição é gratuita. Para maiores informações, acesse o site www2.uerj.br/~nea.

6) A Prof.^a Dr.^a. Kátia M. P. Pozzer está realizando uma pesquisa sobre a produção historiográfica, em língua portuguesa, na área de História da Antigüidade Oriental. A partir dos dados coletados, serão elaborados um Catálogo Crítico-analítico de Fontes Bibliográficas (fontes primárias e secundárias) e um Catálogo dos Conteúdos Programáticos da área de História Antiga Oriental dos cursos de graduação em História, que poderão servir de subsídio à comunidade acadêmica no Brasil. Solicitam-se informações sobre publicações em língua portuguesa (livros e artigos) e conteúdos programáticos das disciplinas de graduação da área de História Antiga Oriental. Essas informações e/ou publicações devem ser enviadas para: Prof.^a Dr.^a. Katia M. P. Pozzer. Rua Tomaz Flores, 122/501 — Porto Alegre — RS — CEP 90035-200; tel/fax: (0 XX 51) 311-4150; e-mail: pozzer@cultural.org.br.

7) Os editores da revista PHOÏNIX prestam sua homenagem póstuma ao Prof. Titular de História Antiga da UnB, Dr. Emanuel Araújo, falecido em junho de 2000, por sua contribuição inestimável aos estudos sobre Egito Antigo no Brasil.

Notas

¹ Fizemos algumas adaptações da letra, da música “*Aquarela do Brasil*” de autoria de Ari Barroso. Esta nova tessitura dos versos procurou desvinculá-los do contexto de “exaltação do nacionalismo do Estado Novo” e integrar os versos a uma concepção de sociedade da pluralidade cultural e, portanto, de criatividade.

² Parafrazeando Ibrahim Sued, colunista social que conseguiu sucesso e popularidade na sociedade carioca, principalmente por expressões que se tornavam bordões, não resisto em escrever aos nossos impertinentes colegas que só sabem criticar o trabalho dos pesquisadores de História Antiga brasileiros, para vocês: “*À demain*, que eu vou enfrentar”.